

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16228 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

A EXPERIÊNCIA ACONTECIMENTO NO COTIDIANO DA ESCOLA - QUANDO A ESTUDANTE ENSINA AO PROFESSOR

Eduardo Garralaga Melgar Junior - Prefeitura Municipal de Pelotas

Liana Barcelos Porto - UFPel - Universidade Federal de Pelotas

A EXPERIÊNCIA ACONTECIMENTO NO COTIDIANO DA ESCOLA - QUANDO A ESTUDANTE ENSINA AO PROFESSOR

RESUMO: A escola que vive seus *tempos espaços* forja a cultura ordinária, aquela que está fora do cálculo e do ordenamento da oficialidade. Ela estabelece ações que reconfiguram a norma, estabelecendo autoria de leitura e protagonismo de suas práticas. Nos *contraespaços tempos* da escola, vamos percebendo os seus movimentos de criação de experiências que, entre outras coisas, possibilitam aos/às *praticantes pensantes* maneiras de resistências ao que lhes é factível na lógica do dado. Ao interrogar uma situação de agressão escolar, este texto apresenta a *experiência acontecimento*, mediado pelas dimensões pedagógicas, entre o *professor autor* e a estudante. Nessa direção, esta escrita buscou problematizar as experiências vividas *com* os cotidianos dos *espaços tempos* que reconstruíram e reinventaram a escola praticada. Nesses encontros foi possível (re)inventar maneiras de contrapor o olhar institucional produzindo insurgências capazes de criar caminhos com a escola para o *fazer pensar* da prática docente.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Pesquisa nos/dos/com os cotidianos; Heterotopias; Práticas Pedagógicas;

Para escrever este texto trago mais uma *experiência acontecimento* tecida no chão da escola, na qual, como orientador pedagógico, fui deslocado de minhas certezas após *encontro confronto* com uma estudante. Foi em uma tarde de junho, com ares de início de primavera, tempos atípicos em meio ao inverno rigoroso da semana anterior, que mais uma vez fui obrigado a recorrer Leonice, de 12 anos de idade, que resolvia na agressão física os conflitos iniciados na vizinhança de sua casa.

Diferente de outros momentos, imbuído de minha certeza, com uma voz imensamente enfática, chamei a atenção da estudante aos gritos e mandei a zeladora chamar a madrastra que a certa altura do dia já estava na escola. Leonice acuada e nervosa diante de minha reação inesperada, buscava no olhar da madrastra o aconchego que, em situações semelhantes, eram encontradas no afago da equipe pedagógica. Tenho convicção que trazia toda a vontade de verbalizar as mais terríveis verdades que me mobilizavam naquele momento, mesmo que aquelas certezas pudessem, após serem ditas, se desmanchar com o forte vento que sempre se tem por essas bandas do sul.

Não sei ao certo o que Leonice e sua madrasta pensaram. Mas em um momento de lucidez, me vi obrigado a voltar ao começo para não romper as pactuações feitas na escola com as famílias, as lideranças comunitárias e os “donos” do pedaço. Era preciso evitar chamar a atenção das oficialidades. Depois do impacto da conversa, ainda mais séria que as anteriores na escola, eu não sabia o resultado, mas havia jogado a toalha e recolhido a esperança que me movia em trabalhar nessa escola que se localizava no pântano, entre os canais do São Gonçalo, na região sudeste do estado do Rio Grande do Sul.

A ruptura interveio junto com o *experiênciaacontecimento*. Na escola, os diferentes posicionamentos de seus sujeitos, as diversas práticas desconectadas e desorientadas, desorganizam o lugar e reorientam suas decisões e ações produzindo acontecimentos, aqueles que fogem aos instituído e produz sentidos com a experiência. Naquelas situações em que o *espaçotempo* é compreendido como a superação da contradição. O tempo das multiplicidades presentes na noção de acontecimento, pelo contrário, é entendido em sua singularidade. Não existem contradições que forneçam a reconciliação, o que se constitui são as pluralidades, inevitavelmente mais abertas que quaisquer forças dicotômicas. O acontecimento, como me apropriado, não se reduz aos investimentos presentes na lógica ideal-real e/ou universal-particular. Ele se beneficia da relatividade e se esquiva de parâmetros epistemológicos ortodoxos. O acontecimento não se limita ao fato de que a ocorrência seria suscetível de receber tratamentos cartesianos. O acontecimento vai instituir corpos diferentes e promover ações não inscritas em espaço algum. É o *espaçotempo* incomum. É a prática das sensações que são singulares e únicas, elas vêm para emaranhar sentidos, trazendo a incapacidade de desenquadrar a escola ao instituído. A contradição é constante, não há espaço para generalizações e homogeneização. A *experiênciaacontecimento* é singular.

Ao mergulhar para compreender a ocasião vivida com Leonice e sua madrasta e alimentar as reflexões sobre o ocorrido, trouxe a minha prática docente para o *espaçotempo* do questionamento. Era preciso fazer funcionar a narrativa que defendida: a docência se constitui como um *locus*, por si, da ação investigativa. Aquele grito dado contra Leonice e sua madrasta denunciava o meu limite e me assemelhava aos vários gritos que elas viviam na precariedade de suas existências. Ao voltar pra casa, a vergonha e a desesperança foram as sensações que mais me mobilizaram.

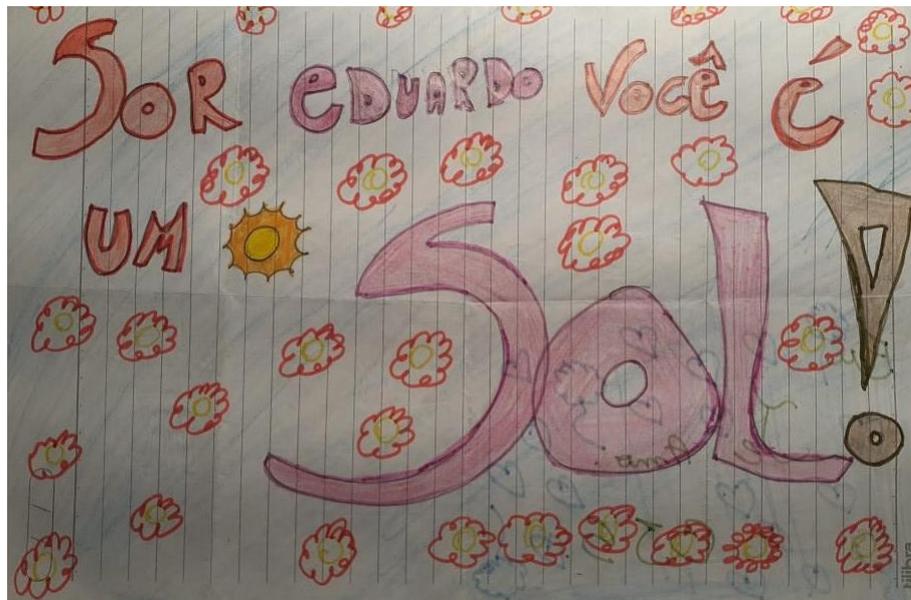
O contexto social da família indicava redes de precariedade (BUTLER, 2015), não era raro Leonice chegar à escola com pouca roupa em dias de intenso frio ou com vontade de comer algo. Sem exagero, em alguns dias quando esperava a entrada das crianças no portão, ao abraçá-la ouvia o seu estômago roncando de fome. Nessa hora era necessário usar de subterfúgios e dizê-la: “tem algo pra você lá na cozinha, pede à Dona Zica. Diga para ela que o Dudu deixou na geladeira”. Essa frase era a senha para que a Dona Zica preparasse algo rápido antes de servir a merenda. Era mais um pacto entre nós com a Dona Zica. As suas mãos operam milagres naquela cozinha de pouco espaço e muita vontade de alimentar aquelas crianças com comidas que exalam cheiros tão magníficos que nunca sobra nada nas panelas.

Ao refletir sobre essas experiências tecidas nos cotidianos da escola, sou levado a crer ainda mais na potencialidade de criar *espaçostempos* que possam nos auxiliar a sentir as diferentes práticas, aquelas não pensadas e nem sempre planejadas e que nascem na emoção, no sentimento, na invenção das “artes de se fazer” insubmissos (ALVES; OLIVEIRA, 2008).

Com Alves e Oliveira (2008) acredito que para apreender as ficções da vida cotidiana, em qualquer dos *espaçostempos* em que elas se constituam, somos mobilizados/as a estar atentos/as a tudo que ela (me/nos) passa (BONDÍA LARROSA, 2002). Ao pensar a revolução enquanto uma *prácticapensante* invisível e constante, microbriana e proliferante, sem autoria, mas com muitas caras que se inventam, a precariedade exposta na vida de Leonice e sua família oferece um tempo sombrio com cacos do que existem em seus caminhos. Nas lutas diárias, elas vão resistindo e insurgindo. A imediata presença da madrasta de Leonice na escola me sinaliza que aquele espaço tinha relevância em suas artes de existir.

Nesse contexto de criações, as vezes, anônimas, diante da vergonha e desesperança que meu descontrole produziu, recebendo as crianças no portão da escola quatro dias após o meu pedido de remoção da escola, vejo Leonice. Meio sem saber como agiria e desencontrando o meu olhar do dela, a estudante me chama: “Sor Eduardo, pra você!”. Estava sendo presenteado com um desenho:

Figura 07: ilustração feita por criança



Aquele episódio me viajou aos tempos de criança nas escolas por onde passei na cidade de Jaguarão, fronteira com o Uruguai. Por instantes, relembrava de minhas brincas de moleque e a importância dos afagos que recebia em meio a pobreza que vivia com minha irmã e mãe. Eram as minhas professoras, a poesia de me mobilizava a querer voltar para a escola. O afago de Leonice me trouxe a vitalidade, inspirou sonhos e restabeleceu as minhas energias. Ela me fez reabrir os olhos e a instituir o sorriso (BONDÍA LARROSA, 2002), era

a arte do encontro e a aprendizagem do *acontecimentosexperiência*.

A delicadeza de uma menina de 12 anos, após uma conversa dura, alcançou minhas emoções. A vida na escola é uma caixa de surpresas, a cada dia letivo são novas emoções e novas aprendizagens que arrebatam infinitas curiosidades. A ingenuidade, por vezes, anda de mãos dadas com a astúcia para nos livrar das arapucas criadas pela situação de violência a que estamos inseridos. Entre as táticas (CERTEAU, 2014) oxigenam-se muitas das práticas pedagógicas. Toda escola tem um pouco disso, reações inesperadas de adultos e crianças, que trazem sabores e desencadeiam emoções. No atrito do trem com o trilho que passa o vagão, tecemos as fissuras no ser, sujeito plural, anônimo e criativo. Eis que um orientador educacional, decepcionado com seu próprio fazer, diante do conflito com Leonice e sua madrasta, precisou ressignificar o ato de escutar. Foi preciso olhar pra dentro e “aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (BONDÍA LARROSA, 2002, p. 24). Desprovido de interpretações, despido do olhar clínico das teorias e das recomendações, assim senti os próprios desvios que a voz trêmula e acanhada murmurava sentimentos apreensivos dentro de mim.

A escuta precisa sentir o quanto o cotidiano contribui para pensarmos a escola como “[...] o espaço/tempo da invenção, da surpresa, da complexidade [e] quer [que] tenhamos olhos para ver, ouvidos para escutar, nariz para cheirar, paladar para degustar, pele para sentir, ou não...” (ALVES e GARCIA, 2000, p. 11). Os sentidos são inerentes ao fazer docente, eles aguçam nossas abordagens e podem trazer, se assim permitimos, a amorosidade da escuta atenta às demandas estudantis. Essa escuta, naquele momento em que protagonizei, esvaiu-se no tom de voz que só dizia e não escutava.

A abordagem utilizada com Leonice, diante do outro estudante machucado devido a suas agressões, não foi a reação ideal. As emoções diante do constrangimento precisavam da imensidão da calma, a ação não deveria agredir os já agredidos. Assim penso, após pensar o pensado sobre a minha prática no momento do vivido. Após o incidente, situação aparentemente contornada, o *professororientador* esvaiu-se em dor. Aquela dor da emoção, da lágrima contida, do sorriso escamoteado, do sentimento de pesar pelas palavras proferidas, o afago que sempre me foi encontrado nos *acontecimentosexperiências*, naquele momento, estava ausente. Minha voz alta não trazia o alento necessário e urgente a cada sujeito daquela escola no pântano, assim a localidade é chamada na cidade. Eu me fazia humano, mas em minha humanidade precarizava a vida precarizada (BUTLER, 2019).

A família já tão suscetível a violência não deveria na escola, até então considerado um refúgio, sofrer uma abordagem que, diante do seu papel tornava-se também uma ação repreensiva do Estado. Volta e meia, ouvimos relatos de que as famílias estavam naquelas condições por “culpa própria”. Butler (2019) vai nos chamar a atenção sobre esta possibilidade inescapável de ser vitimada, já que para a autora a precariedade encontra-se distribuída desigualmente ao redor do mundo.

Quatro dias depois da abordagem com Leonice e de pedir o remanejamento para outra escola, a mão que acolhia não era a minha. Na relação com Leonice, vou sentindo as dimensões das “Maneiras de Ser” (CERTEAU, 2014) e “Artes de fazer” (CERTEAU, 2013), a escola é entendida como espaço de possibilidades para uma antidisciplina que promove (des)encontros com a norma, com o consensual e com a atitude esperada. Ela inaugura *espaços praticados* com a potência criativa de seus/suas *praticantes pensantes*.

Era necessário refletir os sentidos gerados a partir do que faço, das ações que produzo na relação com o outro que me constitui. Foi preciso adentrar nas fronteiras e buscar resiliência, resistências ao fazer e despir-me para sentir o *acontecimento experiência*. Nesse movimento em que potências são criadas, vou tornando-me um *praticante pensante*. Quando apresento o acontecimento vivido e praticado, trago nesse interstício o potencial do sujeito para a compreensão do cotidiano como um sistema de operações singulares em que são apresentadas as riquezas de elementos para compreender como a escola pode ser um ponto de desvio necessário à poesia na vida.

O sol que aquecia Leonice em dias frios, era aconchego quando a roupa não dava conta da friaca sempre intensa neste lado dos Pampas Gaúcho. Ele abre clareiras no frio e ajuda a enfrentar a intensa umidade que insiste em deixar suas marcas de mofo. Com o desenho, Leonice fabricou saberes, projetou o orientador para fora daquele lugar frio e úmido da agressão verbal. O sol de seu desenho me ajudou a limpar os bolores de minhas práticas pedagógicas.

Aqui apresentamos um pouco desses *aprender ensinar*, práticas vividas no cotidiano vivo em desafios. Acredito que com os cotidianos das escolas vamos constituindo formas de ser, estar e viver no chão da experiência docente. É nesse ínterim que Alves (2008) fala da importância de constituir-nos enquanto narradores praticantes. Todos nós, ao praticar, pensamos sobre a prática (ALVES & GARCIA, 2000). Essas potências criativas são inerentes ao fazer docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.; GARCIA, R. L. **A Invenção da Escola a cada dia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In. ALVES, N.; OLIVEIRA, I. de. **Pesquisa no/ do cotidiano das escolas** – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008. p. 15- 38.

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. de. **Pesquisa no/ do cotidiano das escolas** – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

BONDÍA LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, 2002. p. 20-28.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, J. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar e Cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2013